

A CASA E A COMUNIDADE



A CASA E SUAS HISTÓRIAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Majolo, Thiago Pereira
A Casa e a comunidade : a Casa e suas
histórias / Thiago Pereira Majolo. -- São Paulo :
Museu da Pessoa : H. Melillo - Grupo de Articulação
Social, 2012.

ISBN 978-85-60505-31-9

1. Ação social 2. Casas de Cultura e Cidadania -
História 3. Cidadania 4. Cultura 5. Depoimentos
6. Educação 7. Histórias de vida I. Título.

12-00820

CDD-306.432

Índices para catálogo sistemático:

1. Casas de Cultura e Cidadania : Histórias de
vida : Cidadania e educação : Sociologia
educacional 306.432

A CASA E A COMUNIDADE



A CASA E SUAS HISTÓRIAS



Patrocínio



Realização





Sumário

8 APRESENTAÇÃO

14 OS ALICERCES DE CADA CASA

17 Campos Salles: o bairro da antiga estrada de ferro

23 Vila Guacuri: bairro-dormitório

29 Jardim Redentor: um bairro popular entre fazendas centenárias

37 Centro: um atrativo para todas as pessoas

43 Colinas D'Oeste: uma ocupação num bairro periférico

47 Buenos Aires: um bairro pobre na terra que inspirou Euclides da Cunha

50 DA CASA ÀS CASAS: PESSOAS E COMUNIDADES SE TRANSFORMAM

52 Lins

56 Caconde

62 São Paulo

68 Barra Bonita

74 Osasco

78 São José do Rio Pardo

84 NOVOS SONHOS PARA OS BAIROS

86 Lins

88 Caconde

90 São Paulo

92 Barra Bonita

94 Osasco

96 São José do Rio Pardo

98 AES Brasil e H.Melillo

APRESENTAÇÃO



A escolha das comunidades para implementação das Casas de Cultura e Cidadania (www.casadeulturaecidadania.com.br) procurou se basear nos diagnósticos sociais das regiões. Todas as regiões escolhidas apresentavam altos índices de vulnerabilidade social, tendo pouco acesso a bens culturais e a serviços. O mapeamento dessas regiões e o relato das histórias de vida dos moradores foram provando esse diagnóstico.



“A da Vila Guacuri teve menos estudo, porque ela foi a nossa primeira unidade. A partir dali, nós fizemos visitas ao poder público, analisamos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de cada uma das cidades, para efetivamente saber onde nós gostaríamos de estar. E o objetivo do projeto é estar em áreas de risco e vulnerabilidade social. Nós fizemos essa correlação importante para instalarmos uma Casa que gere transformações sociais”...

Luciana Alvarez Pedrosa

(18/2/1975 – Santos/SP),
gerente de comunicação externa e sustentabilidade na AES Eletropaulo



... “E para transformar, não é uma oficina aqui hoje, outra ali amanhã que vai ajudar alguém. No projeto, apelamos para a sequencialidade, para a construção. Lembro que fiquei encantada com o contato com um morador de um bairro quando fui dar uma palestra para as unidades das Casas. Esse rapaz ia ao lixão, procurava e improvisava brinquedos para as crianças. E aquilo virou lugar de lazer. As mães tinham muita raiva, porque as crianças fugiam da escola para ir nesse lugar. O que a professora fez? Foi visitar esse rapaz. Logo mais, os alunos já estavam fazendo projetos para fazer a história da vida do rapaz e daquele lugar. A ideia era melhorar aquele parque. Então, as Casas de Cultura têm que estar atentas a isso, ter o papel de se aliar às comunidades, dialogar, se tornarem parceiras. Cada Casa do seu jeito, porque o programa é todo adaptável às suas Casas e condições”...

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

(17/7/1936 – Rio de Janeiro/RJ), curadora do projeto



... “E cada Casa tem seu jeito. Todas as unidades são parte de um todo; não há quem vá ao projeto que duvide que aquela unidade é uma unidade da Casa de Cultura e Cidadania. Mas cada uma é feita com seus ingredientes, aqueles que puderam ser construídos e descobertos naquele lugar, naquele espaço de tempo, naquela relação política. Então, cada um é um. Essa é que é a coisa mais transformadora”...

Heloisa Melillo

(11/6/1962 – Andradina-SP),
presidente da H.Melillo – Grupo de Articulação Social



Promover ações transformadoras nessas redes sociais tão enfraquecidas de forma que a própria comunidade pudesse se apropriar de seus espaços no mundo, reivindicando e propondo melhorias, não é tarefa simples. Antes de tudo, é preciso conhecer um pouco mais da história e das demandas de cada região. E a melhor forma é ouvindo as pessoas. E essa é a parte que cabe ao Museu da Pessoa.



OS ALICERCES DE CADA CASA



BARRA BONITA



Campos Salles: o bairro da antiga estrada de ferro

Entre 1889, ano da fundação do ramal da Estrada de Ferro Barra Bonita, até a década de 1920, o bairro Campo Salles era sinônimo de progresso e desenvolvimento para a cidade. Toda a produção local agrícola e de cerâmica passava por lá. Porém, com a chegada dos trilhos de bitola larga em Jaú e, mais tarde, na década de 1960, com a extinção do ramal da Estrada de Ferro, Campo Salles entrou em decadência. Em algumas décadas, enfrentava até mesmo problemas no abastecimento de água. O bairro se tornou isolado do resto da cidade.



“Desde que eu era novinha, o bairro Campos Salles sempre foi um tanto isolado. Parecia que não pertencia a Barra Bonita, mais a Jaú do que a Barra Bonita, na verdade. Foram poucos governantes que tivemos que olharam para o bairro.

Eu lembro quando eu vim para cá pra fazer uma reunião do plano diretor e depois daquele dia nunca mais voltei. Daí, uma vez que eu vim, eu vi a escola abandonada, com um mato gigante. Eu lembro quando soube que o projeto da Casa de Cultura ia ser no bairro. Eu acompanhei a reforma, desde a limpeza, capinação, pintura, tudo o que foi necessário, todas as instalações, a inauguração da Casa. Eu acompanhava porque, como eu trabalhava na Prefeitura, muita coisa me era solicitada. Era uma creche, escola infantil e virou uma Casa de Cultura e Cidadania”...

Debora Aparecida Bressan

(14/8/1976 – Barra Bonita/SP), coordenadora do Curso Técnico em Eventos da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita



... “Lembro de ouvir sobre a Casa de Cultura e Cidadania primeiro num noticiário que falava de um projeto no Campos Salles. Cheguei aqui, o prédio estava quebrado. Eu pensei: ‘Nossa, será que vão conseguir botar crianças aqui?’ Vidros todos quebrados, portas arrebentadas, cerca não tinha. Eu olhei aquilo: ‘Ah, não vai dar certo, eu acho que eu perdi a viagem vindo aqui.’ Mas vi a persistência do pessoal trabalhando e fui ver quem era o responsável e tentar entender. Aí conseguimos conversar com o responsável pela implantação das casas, que é o Sidney. Ele teve a paciência de explicar e aí começamos a trabalhar”...

Baltazar Parra

(3/8/1963 – Barra Bonita/SP), voluntário da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita





... “Lembro dos primeiros trabalhos da Casa de Cultura no bairro: alguém tinha me procurado para instalar o que a princípio era um projeto em Igarapu do Tietê. E, por falta de espaço físico, estrutura física, acabou vindo para cá, mas com a condição de atender crianças de Igarapu do Tietê. Veio por causa da questão da vulnerabilidade social. Igarapu tem hoje, em média, umas 500 crianças e jovens que frequentam o projeto. Então, vamos firmar a parceria, questão do transporte que a Prefeitura oferece, toda essa questão de quando necessita de um espaço, ou outra coisa, que estamos sempre disponíveis. Porque o que vemos nisso tudo? Qual que é o principal objetivo disso tudo? É a formação da criança e a melhoria da cidade”...

Maria José Teixeira Capelazzo

(23/8/1959 – Igarapu do Tietê/SP), secretária Municipal de Cultura de Igarapu do Tietê



... “Faz 32 anos que eu moro na cidade. Trinta e dois anos nesse bairro. Minha convivência sempre foi feliz, eu adorava estudar. Pena que não pude mais estudar devido a essas condições, sempre em sítio, e o sítio era até 8ª série e depois tinha que estudar na cidade. Aí já não deu mais para eu estudar, parei, e fui ajudar meu pai e minha mãe a cortar cana. Campos Salles era um lugar morto.”

Maria Aparecida Martins Cardoso

(5/7/1962, Barra Bonita/SP), auxiliar de limpeza da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita





Vila Guacuri: bairro-dormitório

Como grande parte dos bairros periféricos da cidade de São Paulo, Cidade Ademar surgiu como um bairro-dormitório na década de 1960. Na época, com a decadência de grandes fazendeiros do interior e a explosão industrial no país, muitos homens do campo vieram se instalar nas cidades, principalmente em lugares em que o preço do terreno era mais acessível. Eram chamados de bairros-dormitórios, porque os trabalhadores passavam o dia longe de suas casas. Na década seguinte, a população aumentou significativamente nesses bairros, e as já precárias condições de vida pioraram. A Vila Guacuri, que está dentro da subprefeitura de Cidade Ademar, faz parte dessa história de bairros que cresceram pobres e sem cuidados.

“Nisso aqui tudo não havia nada. Era o fim da década de 60, e não havia rua, era só mato fechado, aqueles trilhozinhos bem estreitinhos; não dava para passar carro nem para passar bicicleta. Mal o pessoal conseguia andar a cavalo, porque espaço não existia mesmo. Eram pessoas estranhas, e ninguém convivia muito. Aí o pessoal foi chegando devagar e fazendo os barraquinhos de madeira. Na época, não tinha como comprar tijolo e não tinha como eles entregarem. As casas eram também sem porta. Só conforme foram abrindo as estradas de barro, com o tempo, a gente foi comprando tijolo. Que era aquele de barro. Aí foi construindo casa por casa, e nós fomos pegando uma coletiva com o pessoal”...

Leonês Mendes da Silva

(1º/11/1962 – Nova Canaã/BA), funcionário de manutenção da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



... “Ah! O bairro: a gente andava aqui e o pessoal parecia que olhava com um olhar assustado. Para mim era difícil, era tudo assustador. Primeiro, porque não havia convivência, e de onde eu vim, lá na minha cidade, todo mundo se conhecia, era aquela amizade e tanto. E aqui não. Eu tinha o maior medo de andar até as nove na rua. E diziam que antigamente era ainda mais violento. Na rua mesmo onde moro, diziam que era cruel, que as pessoas matavam outras assim do nada. Depois que eu tive a minha filha, eu comecei a trabalhar lá em casa com o meu comércio porque eu não queria colocar em creche. Fiquei cuidando das minhas crianças”...

Valdineia Ferreira da Costa Alves

(19/7/1968 – Chapadinha Maranhão/MA), funcionária de manutenção da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo





... “Quando eu era criança, vivia na comunidade, mas não conhecia a Plataforma dos Centros Urbanos em São Paulo, de que hoje eu participo. Eu já via nessa época muita coisa errada. Até hoje eu conheço muita gente que é ruim. Conheço muita gente que está nas drogas, se acabando. Muita gente amiga morreu. Foi demais, caminhões de amigos. As plataformas, então, servem para elaborar um plano de ação para melhoria da comunidade. Para mim, isso criou um incentivo de ajudar as pessoas a saírem disso, e eu pude começar a me articular com o meu bairro”...

Romário Azevedo

(15/7/1994 – Belém do Pará/PA), participante da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



... “Quando eu mudei para o bairro, foi para sair do aluguel. Consegui comprar aqui. Na época, foi chocante, porque eu morava no centro de Diadema. Então tinha tudo perto. Morava ali na Vila Érica, na Avenida Assembleia, então é completamente diferente. Quando cheguei aqui eu nunca tinha tido contato com favela. Tive aqui, mas na maioria era terreno, era barraco de tábuas, era lama, era mato, era barraco. Tinha um monte de barraco de tábuas. O negócio era feio. Ali onde é hoje o circo era um terreno onde o pessoal jogava bola, era um campo. Essas casas aqui da frente, não tinha nenhuma, daqui para lá, tudo aqui era barraco e tábuas. Inclusive, onde moro, era tudo de tábuas. Hoje, graças a Deus, deu uma boa evoluída. Não está assim como eu desejaria que estivesse, mas pelo menos deu uma evoluída.”

Nilza Eurico dos Santos

(8/3/1966 – Gongogi/BA), líder comunitária





Jardim Redentor: um bairro popular entre fazendas centenárias

A cidade de Caconde tem muitos atrativos para o turista que pretende visitá-la. Antes de mais nada, um passeio pela Serra da Mantiqueira leva muita gente para esse município, que é considerado uma estância climática. E para quem quer conhecer um pouco a história do café, as fazendas centenárias na área rural são obrigatórias. Mas não é em nenhum desses lugares que a Casa de Cultura e Cidadania resolveu se instalar. O bairro popular chamado Jardim Redentor, lugar de alto índice de vulnerabilidade social, foi o lugar escolhido para atrair os jovens. Com isso, Caconde, já tão charmosa, ganhou mais um motivo para ser visitada. E o bairro vem sofrendo as mudanças que a Casa trouxe.

"O bairro de Redentor mudou muito. Antigamente não tinha asfalto e as casas eram todas iguaizinhas. Então, era até muito engraçado, porque às vezes a gente estava almoçando e entrava um dentro da sua casa, pensava que estava entrando na casa dele. Era tudo igualzinho, não tinha diferença. Aí depois vieram as casas de mutirão, o que já diferenciou um pouco. O pessoal foi reformando. Mas antes isso era frequente, e você não podia nem confiar de ficar de qualquer jeito em casa, porque de repente estava entrando alguém! E as ruas eram todas de terra. Quando minhas crianças eram pequenas, eu enchia o varal de fralda, branquinhas, aí dava aquele pé de vento e, quando você olhava no varal, as fraldas estavam vermelhinhas de terra. E no início não tinha muro também nas casas, então a terra invadia mesmo, não tinha nada para proteger"...

Ivani Aparecida de Souza Possati

(24/5/1965 – Cabo Verde/MG), mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde e moradora do bairro

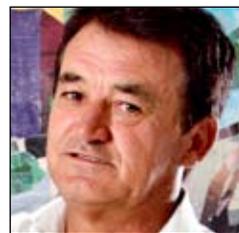


... "O Redentor era um bairro que não tinha nada! As crianças que quisessem se divertir, fazer alguma coisa, tinham que descer todas lá pro centro a pé – e é longe, viu? Às vezes tinha que ir lá para ir para cinema, ou para alguma brincadeira, projeto de férias. Você passava na pracinha do Cristo e via criança o tempo inteiro nas ruas, porque as mães trabalhavam. Outra coisa que acontecia muito era a molecada fazendo arte, crianças que iam para a beira da água nadar escondidas da mãe. Nesse tempo eu trabalhava na roça. Levantava cinco horas da manhã, tinha que arrumar o almoço pra mim e pro meu marido, mamadeira pras três filhas e roupa para deixá-las na casa dos outros pra poder trabalhar. E, quando eu chegava em casa, eu ia terminar de fazer o serviço de casa. Aí que eu ia tomar um banho, dormir, descansar para levantar no outro dia cinco horas da manhã, pra começar tudo de novo. Isso quando o caminhão não quebrava no caminho"...

Rosiane Miqueti Reneis

(20/4/1974 – Caconde/SP), cozinheira da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde





... “Eu já havia entrado nesse caminho para o bairro Redentor, já conhecia, mas foi mais na infância, pra visitar o Cristo. O bairro Redentor para nós era o Cristo e não tinha mais nada. Tinha umas casas populares mesmo e não tinha novidade nenhuma, era o básico. Olha, é difícil eu falar pra você em detalhes, porque era um lugar comum. Um lugar comum que passa despercebido. A gente nunca memoriza lugares todos iguais”...

Mario Aparecido Zimmerman

(15/8/1952 – Caconde/SP), funcionário público e voluntário da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde

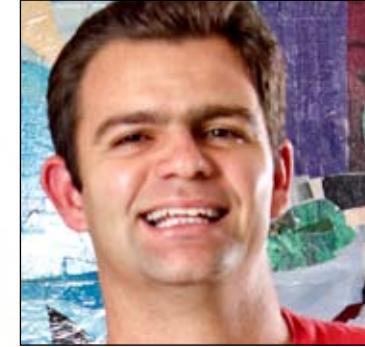


... “Teve um feito aqui que eu memorizei e guardo até hoje. Eu comecei a trabalhar no bar quando eu ia fazer 12 anos, mas o ordenado ia pro pai. Só com 18 anos peguei meu primeiro salário. Eu lembro até hoje. Eu tinha muita vontade de tirar fotografia, eu via todo mundo tirando e eu não tinha. Eu comprei uma camisinha de riscado, um par de sapatos, uma calça de brim, bem roceiro, e fui tirar fotografia. Ainda tenho a fotografia guardada em casa”...

Geraldo Aparecido da Silva (Geraldo do Bar)

(6/9/1945 – Caconde/SP), comerciante





... "Hoje, que eu estou aqui na Casa, eu acho mais interessante é mostrar para eles que a sociedade é maior do que eles pensam. Eu acho engraçado quando eles falam: 'Ah, eu vou descer na cidade.' Então, aqui não é cidade. Eles acham que aqui é outra cidade. Há uns cinco anos, aqui era bem difícil mesmo. Até onde eu moro ali é subida aqui para o bairro, então havia encontro de gangues para brigar lá embaixo. Vinha outro bairro e eles brigavam ali. Vi muitas brigas quando eu era menor. E o conceito que a gente tinha daqui era de um bairro de gente que não queria nada com nada, só drogado que roubava. E hoje eles estão mudando. Não o pessoal que pensa diferente deles não, mas eles mesmos do bairro estão mudando."

Márcio Monteiro Miranda

(15/8/1986 – Caconde/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



Centro: um atrativo para todas as pessoas

Antes conhecida pelo café, Lins agora quer ser conhecida pela excelência de suas escolas. A cidade vem crescendo com o plantio de cana-de-açúcar para biocombustível na última década e pretende reverter esse crescimento para a educação. Quando a Casa de Cultura e Cidadania foi se instalar em Lins, o lugar mais adequado pareceu ser o Centro, local de fácil acesso a várias comunidades carentes. Foi recebendo de abraços abertos pessoas de diversas regiões que essa Casa formou um mosaico de histórias, que vão se transformando tal como a cidade conhecida como “Princesa do Noroeste” pretende se transformar e seguir o seu novo lema: “Antes café, agora escola.”



“Meus pais trabalharam na roça. Eles se conheceram aqui vizinho, entre Lins e Cafelândia. E numa época meu pai teve bar aqui em Lins. A coisa estava capengando, estava duro para poder segurar a onda, e eu vim ajudar meu pai. No começo, era lanchonete e trazia umas coisinhas de artesanato para vender, mas não tinha um empreendimento muito legal. Mas aí nasceu meu filho e montei uma barraca. Comprei mais coisas, montei uma oficina em casa, comecei a produzir coisas de artesanato para vender em praças ou nas faculdades. Havia um instituto aqui que se chamava Instituto Paulista de Promoção Humana (IPPH), que era um padre que coordenava, o padre Augusto. Ele tinha lá um setor de artesanato, só que estava meio desativado. Mas ele ficou sabendo de mim, e pediu para eu expor lá aos sábados, que vinha um pessoal de São Paulo fazer uns cursos aqui. Então ele me convidou para coordenar a seção de artesanato, tocar uma associação dos artesãos. Então eu sempre estive por aqui. Fui embora, mas sempre com um pé em Lins”...

Paulo Sérgio Ondeí

(31/10/1963 – Santo André/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



... “Assim que eu cheguei em Lins, eu achei horrível. Eu infernizei o meu esposo demais para ir embora, porque eu não queria ficar de jeito nenhum. Mesmo trabalhando, eu achava horrível aqui. Mas foi porque eu não tinha me encontrado ainda. Eu sentia falta das minhas colegas de Cachoeira Alta e, quando eu cheguei aqui, não tinha ninguém para conversar. Aí comecei a fazer cursos. Fiz computação e, depois de tanto infernizar o meu esposo, ele pediu para o gerente dele me arranjar um curso de cabeleireira. Agora estou gostando e quero ir mais. E fiquei também porque minha filha, Luzia, aqui ela mudou muito. Frequentando a Casa de Cultura, ela perdeu um pouco a timidez dela. Agora, ela já conversa com as pessoas, convive”...

Maria Rosilene Benício dos Santos

(15/2/1983 – Xinguara/PA), mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de Lins





... “Para mim, conviver com as crianças é bacana. Na verdade, é aconchegante. Eu vejo que é uma porta pro futuro pras novas gerações. Cada oportunidade que tem aqui, se tivesse no meu tempo, eu teria aproveitado, porque é única. Quem tem tem, e os que não querem estão perdendo a oportunidade de dar um grande passo na vida, tanto profissional como emocional. Da minha parte, para ajudar nisso, eu procuro fazer o melhor para que o ambiente seja o mais agradável possível. Para que a pessoa que entre perceba que o espaço é um espaço limpo, aconchegante e que acolhe muitas pessoas. E tem que estar sempre atento a tudo, porque crianças circulam por lá. As pessoas pensam que é bobeira, mas até um galho quebrado pode machucar uma criança.”

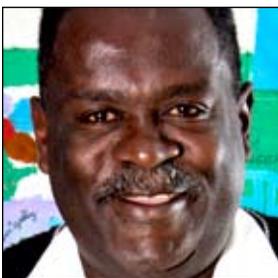
Carlos Eduardo da Silva

(6/12/1980 – Cafelândia/SP), zelador da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



Colinas D'Oeste: uma ocupação num bairro periférico

Foi no final da década de 1990 que ocorreram as primeiras ocupações na região que se chamava Colinas D'Oeste I. Era uma área destinada a um loteamento habitacional, cujo projeto ficou paralisado por falta de registro no cartório e embargado pelo Ibama por estar desmatando áreas de floresta ilegalmente. Osasco, que já nasceu como projeto urbanístico para ser cidade periférica, alternando bolsões de riqueza e pobreza, contava com uma série de famílias em áreas de risco próximas ao Colinas D'Oeste. Essas famílias começaram a se mudar para lá. No início, eram cerca de 70 barracos. Hoje, a comunidade tem dezenas de milhares de moradores enfrentando problemas de saneamento básico, energia elétrica e vivendo num ambiente de muita violência.



“Eu vi a violência feia aqui neste morro. O que eu não passei em toda a minha vida eu passei aqui. Foi um começo difícil. Muito companheiro mesmo, colega, os caras guerreiros, não aguentaram, tiveram que ir embora. Eu não culpo, porque o negócio estava feio mesmo. Aqui, você faz uma enquete, pergunta: ‘O que precisa?’ E respondem: ‘Água.’ O que nós precisamos primeiro é da documentação. Então é ruim da Sabesp entrar numa área que está condenada. Ela faz um investimento para depois quebrar tudo e ter que arrancar? Ela não vai. Na época: ‘O que vocês querem?’ E o pessoal: ‘Creche.’ Falei: ‘Para de fazer filho, meu Deus do céu! Este mundo de filho, este mundo de criança. Vamos arrumar uma coisa pra ter cultura para os que já estão aí. Os moleques não sabem escrever. Na escola pública leva três anos pra poder escrever o nome. Então, vamos ter uma Casa de Cultura.’ Mas no começo o que queriam era creche, água, mesmo que o bairro estivesse condenado”...

Antônio Roberto Lelis da Silva (Robertão)

(8/7/1958 – Itapetininga/SP), morador e conselheiro da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco



... “Foi muito difícil mudar pra cá, porque não tinha água. Até hoje a gente tem uma briga séria ainda por causa de água. Também não tinha asfalto. Dia de chuva, para descer era terrível, um lamaçal danado. Mas aqui, pelo menos, eu economizava o dinheiro do aluguel, porque eu nem pagava. Então eu fui ficando, fui ficando. Uns tempos atrás, a dona chegou a pedir a casa porque ela ia vender. Fiquei até desesperada, pois pensei: ‘E agora, meu Deus? Eu vou voltar pro aluguel!’ Mas aí a minha sogra teve uma ideia de eu pagar a prestação do carro dela, porque a dona da casa precisava vender a casa para comprar um carro. Ela tem uma filha especial e precisava do carro. Pagando essa prestação, eu acabei comprando a casa. Eu pago a casa em que eu moro hoje, estou pagando.”

Roseni Mendes Lopes Araujo

(1º/3/1970 – Pombo Socorro do Piauí/PI), auxiliar de limpeza da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO



Buenos Aires: um bairro pobre na terra que inspirou Euclides da Cunha

Local de intensa imigração italiana no começo do século, São José do Rio Pardo vale uma visita mesmo que apenas para conhecer o rio que dá nome à cidade. As águas do Rio Pardo já foram fonte de inspiração para Euclides da Cunha escrever o clássico *Os Sertões*. A Casa de Zinco, que fica junto à ponte, na beira do rio, foi o local em que o escritor deu vida à sua obra. Devido à importância histórica desse município, a Casa de Cultura Euclides da Cunha promove a Semana Euclidiana e a Maratona Euclidiana em agosto, articulando eventos destinados aos alunos das escolas da região. Buenos Aires, porém, um pouco afastado dessa história, se firmou como um bairro carente, de pouco acesso a essa riqueza cultural da cidade. Por isso mesmo a Casa de Cultura e Cidadania abriu ali as suas portas, para ajudar o bairro, a cidade e o Rio Pardo.



“Por exemplo, a minha casa, a casa onde eu nasci, tinha fossa, nada ia para o rio. Hoje, a mesma casa, joga água no emissário que vai pro Rio Pardo. Como não tinha a rede de esgoto nos bairros, só no centro da cidade, existia praticamente um lançamento de esgoto só, que era da cidade. A cidade era concentrada, nos bairros são pouquíssimas casas, então a pessoa era obrigada a fazer fossa. Não jogavam o esgoto no Rio Pardo. O rio tinha só um lugar que recebia esgoto e o resto, para cima, era limpo, maravilhoso, não tinha nada. E hoje não, qualquer lugar que você vai, você vê um duto de plástico jogando lixo no Rio Pardo”...

Felipe Antônio Quessada Neto

(29/11/57 – São José do Rio Pardo/SP),
secretário da Agricultura e Meio Ambiente



... “Algumas vezes a gente tem que fazer alguma pesquisa no rio e a gente vê o tanto de esgoto e o tanto de lixo que tem, é chocante. Era diferente quando eu vim para cá. Eu voltei para morar aqui com 14 anos e me identifiquei muito com a cidade. Ela mudou muito, têm acontecido muitas mudanças na parte de entretenimento. Antes, quando eu era jovem, solteiro, tinha muito mais opção de lazer do que hoje. Hoje, infelizmente não tem. Na minha época tinha os bailes nos clubes, era muito bom. Não tinha essa onda de violência que tem hoje. O que mudou muito essa cidade foi a onda de violência, cresceu demais. Na nossa época acho que a gente era um pouco mais livre, a gente sabia aproveitar um pouco mais a nossa cidade. Eu acho que mudou muito nesse quesito, mas a beleza e a exuberância dela continuam as mesmas. Apesar da sujeira nadando no rio.”

Paulo Higino Magalhães

(10/4/1969 – São José do Rio Pardo/SP), voluntário na Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



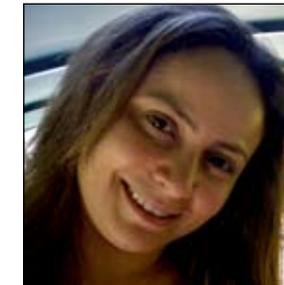


DA CASA ÀS CASAS: PESSOAS E COMUNIDADES SE TRANSFORMAM

Depois de conhecer os bairros em que se instalariam, as Casas de Cultura e Cidadania abrem as portas levando como princípio não suprir as carências sociais e econômicas das comunidades em que estão inseridas, mas sim possibilitar às pessoas atendidas direta ou indiretamente usar de suas próprias energias e capacidades transformadoras para mudar a realidade local. Cada um que ousa pensar e ser diferente é capaz de tensionar sua rede social de uma maneira única, nova e ativa. Mexidas pelas novas experiências vividas porta adentro, e motivadas a ressoar essas experiências porta afora, as pessoas levam cada Casa às casas de sua comunidade e para dentro de si mesmas.



A unidade das Casas de Cultura e Cidadania em Lins abriu suas portas em 2009 oferecendo cursos de Artes Visuais, Artes Digitais, Música, Dança, Teatro, Projetos, Área Livre, Arte de Contar Histórias e Circo. Em 2010, abriu também o FIC (Formação Inicial e Continuada em Cultura). Já foram oferecidas mais de mil vagas para as comunidades da cidade. Outros projetos, como o Entrando pelo Cano (para conscientização do uso adequado da rede de esgoto), ou cursos de formação em elétrica e hidráulica, em parceria com a faculdade Unilins, estão abrindo novas possibilidades para os participantes. Em julho de 2010, a Secretaria Municipal de Esporte fez um convite especial à Casa: que organizasse a abertura dos Jogos Regionais.



“Ver a Casa na abertura do Sendi [Seminário Nacional de Distribuição de Energia Elétrica], ver aquele show acontecendo, é impressionante. A desenvoltura, a dedicação das pessoas, a beleza daquele show e todo mundo de boca aberta no evento, olhando e falando: ‘Nossa, isso são as criancinhas da Casa de Cultura e Cidadania? O que é isso que a gente tá vendo?’ E eu chorava lá atrás. Chorava porque é muito bonito, é muita emoção, de efetivamente a concretização daquilo. Como eles conseguem? Nossa! Como eles conseguem? E poderiam estar ganhando dinheiro, inclusive, com isso. Eles estão olhando pro projeto, pra sustentabilidade do projeto”...

Luciana Alvarez Pedroso

(18/2/1975 – Santos/SP), gerente de comunicação externa e sustentabilidade na AES Eletropaulo



... “Algo que me marcou no projeto foi a recepção que fizemos para as crianças. Resolvemos fazer uma apresentação pra elas. Na conversa entre os educadores, achamos que uma forma de dar acolhida era fazendo uma apresentação. Então, fomos ensaiar umas coisinhas. Já havia várias pessoas que tinham afinidade, alguns daqui que a gente já conhecia, outros que vieram de fora e que acabamos conhecendo lá mesmo, porque teve um mês de convivência que ajudou para nos aproximar. Enfim, juntamos esse começo de trabalho numa apresentação. Então, o acolhimento da Casa de Cultura e Cidadania foi um teatro. E as crianças piraram.

E são essas crianças que ficaram no projeto com a gente. Agora, eu percebo, a cidade tem visto a Casa com bons olhos. Nós fazemos tudo quanto é evento e convidamos o pessoal e eu sinto que eles têm muita admiração. Acho que eles acreditam que o trabalho é sério. Na comunidade, eu vejo isso quando vou ao bairro de periferia, vejo que é muito aceito. Eles falam muito bem do trabalho. Os pais também. Às vezes eu encontro os pais no mercado, ou em outro lugar e eles estão sempre comentando, falando, elogiando”...

Paulo Sérgio Ondei

(31/10/1963 – Santo André/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



... “Eu ouvir os educadores, os professores, todos elogiando a minha filha, e ela antes batia em Deus e no mundo na escola... Nossa! E vê-la dançando no palco, então. Eu me senti mãe. Mãe igual às outras, toda feliz da vida. Fico pensando em mim mesma. Eu nunca brinquei. A minha brincadeira era catar o cabo da enxada e capinar, pegar a bateia de ouro, ficar o dia inteirinho mergulhando dentro da água, ou no meio das lamas. Eu queria ser professora de Matemática, era meu sonho, só que como lá onde eu nasci era muito violento, eu não consegui estudar. Quando eu consegui, eu já tinha 18 anos, e já tinha meus quatro filhos. E agora eu quero ser cabeleireira, fazer uma faculdade de estética.”

Maria Rosilene Benício dos Santos

(15/2/1983 – Xinguara/PA), mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de Lins





CACONDE



Em 2009, a Casa de Cultura e Cidadania de Caconde abriu suas portas. Além dos cursos de Teatro, Ginástica Artística e Formação Inicial e Continuada em Cultura (FIC), a Casa também oferece cursos de capacitação técnica e geração de renda para a comunidade, como a oficina de chocolate. Mais de 6 mil pessoas já foram atendidas, entre crianças, jovens e adultos. Muitos espetáculos também vêm sendo promovidos pela Casa, como “O Presente dos Sonhos”, que uniu alunos das atividades circenses, teatrais e de ginástica. Do lúdico ao profissionalizante, a Casa vem oferecendo novas possibilidades de sonhos desde o dia das primeiras matrículas, atraindo seus vizinhos.



“Eu moro na rua debaixo daqui. Eu via construindo a Casa, passava aqui e via os alicerces no chão. Um dia eu passei com a minha prima e falei pra ela: ‘Nossa, vocês estão construindo mais uma escola no bairro?’, aí ela falou: ‘Não vai ser uma escola, vai ser uma Casa de Cultura.’ Mas até então o projeto era novo, eu não sabia nem o que era Casa de Cultura. Continuei trabalhando nesse serviço em que eu já estava há sete anos. Um dia, eu desci, ela desceu junto comigo e falou: ‘Você não vai entregar currículo para trabalhar na Casa de Cultura?’ Cheguei do meu serviço, era uma sexta-feira, tinha serviço, roupa pra lavar, um monte de coisas pra fazer, e eu pensando nesse currículo. Eu desliguei a máquina de lavar roupa e fui correndo entregar...”



... Passei na igreja matriz, rezei um pouquinho, falei assim: 'Olha, Senhor, acabei de entregar o currículo e eu queria que desse certo, porque eu já melhorei bastante, parei de trabalhar na roça, que era muito sofrido, e, se o Senhor achar que eu mereço uma chance, veja o que o Senhor pode fazer por mim. Isso foi numa sexta. Quando foi na quarta-feira, eles ligaram, que eu ia ser entrevistada. E deu certo, graças a Deus. E eu adoro ser cozinheira daqui, porque eu gosto muito de trabalhar onde tem criança, a minha paixão é criança. Eu falo que Deus foi tão bom que me colocou num lugar maravilhoso, porque as crianças que frequentam a casa são crianças que eu conheço desde bebezinho. Eu sei quem é filho de quem, eu conheço a mãe, conheço o pai. Se precisar falar onde moram, eu sei falar onde moram todos, eu conheço todo mundo aqui no bairro"...

Rosiane Miqueti Reneis

(20/4/1974 – Caconde/SP), cozinheira da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



... "Pensando aqui no bairro, mesmo: ali onde é a Casa de Cultura era um lixão, era um aterro sanitário, vocês precisam ver o jeito que era. Hoje é tudo bonito e organizado. Nossa, o que fazemos com as crianças é incrível. Elas não ficam mais na rua, não tem criança aí largada. É difícil ver essas crianças roubando, porque muitas viviam jogando pedra nos vidros e tudo. Hoje elas têm o que fazer, a cabeça delas está cheia de coisas boas. Então, eu acho que isso é um dos principais aspectos positivos que a Casa de Cultura está trazendo para Caconde. Não é nem para o bairro só.

E tem uma maneira de trabalhar que preza a liberdade. Por exemplo, nós trabalhamos com as histórias das brincadeiras, e agora estamos trabalhando muito com leitura. No começo, deu aquele susto: 'Ah, vai começar a ler, igual na escola de novo, lê o livro, faz resumo...' Eu falei: 'Não, espera, vamos ver o jeito mais legal, para vocês gostarem de ler o livro.' E aí começa: 'Eu gosto de ler aquelas historinhas de Os Três Porquinhos, dos Sete Anões... etc. Então, nós vamos ler e trabalhar em cima do que eles gostam, que eles vão estar aprendendo do mesmo jeito. Depois, eles acabam se capacitando sozinhos e daqui a pouco estão lendo um livro de 500 páginas. Isso é uma parte da cultura que não tinha aqui em Caconde. A cultura se resumia a Festa do Peão e a Festa do Café"...

Márcio Monteiro Miranda

(15/8/1986 – Caconde/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



... “Eu pensava: qual o maior interesse daqui? Café e a cidade. A indústria maior que existe aqui é café. Se não mais do que isso, pelos menos 80% dos habitantes dessa cidade sobrevivem, ou fazem parte do contexto do café, da cultura do café, direta ou indiretamente. Por que não a festa do café? Eu tinha isso na cabeça. As cidades fazem festa da batata, da cenoura, da melancia, do morango, do figo e tantas outras festas, por que não ter uma do café? Bom! Aí, surgiram umas ideias e fomos conversar com os políticos, prefeito. Determinado dia eu cheguei para o prefeito atual: ‘Olha, eu tenho essa ideia.’ Ele disse: ‘Se der certo, a gente continua, se não der, fica como uma tentativa.’ Hoje, nós já estamos na segunda, ela expandiu. Esperamos que as próximas sejam melhores, porque é mais uma coisa de cultura para a cidade.

Eu vejo a Casa de Cultura assim também, como mais uma fonte de cultura para Caconde. Na verdade, a minha família ainda não frequenta, porque não são daqui. Quem está aqui somos só eu e minha esposa. Mas viemos a saber da Casa ainda há pouco, porque ela é nova, é algo novo aqui. E quero me inteirar mais sobre o que acontece lá. Quero estreitar mais minha vida com ela, e espero que ela continue fazendo muito pela cultura, que invista bastante no município. Queremos isso, é uma boa iniciativa para todos nós.”

Odécio Fernando de Faria

(17/3/1950 – Caconde/SP), policial ambiental aposentado



Primeira unidade a abrir suas portas, a Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo vem convivendo com a comunidade da Vila Guacuri desde 2008. Aos cursos de Artes Visuais, Artes Digitais, Música, Teatro, Dança, Arte de Contar Histórias, Área Livre, Sala de Convivência e Sala de Leitura, juntaram-se novos cursos nos dois anos seguintes, como Ginástica Artística e Formação Inicial e Continuada em Cultura. Com mais de mil vagas oferecidas, a unidade da capital paulista também agregou aos seus cursos a formação em call center, em parceria com a empresa Tivit, formando 87 alunos. Localizada dentro de uma metrópole com tantos problemas, e numa comunidade tão carente e violenta, a Casa de Cultura busca equilibrar com brincadeira e profissionalismo os desmazelos de cada pessoa, fazendo malabarismos com cursos, conversas, convivência e arte.



... “Eu gosto muito do número dos malabaristas, porque me traz uma boa lembrança de infância. Os movimentos deles. E, apesar dos meus filhos não participarem de circo, é do que eu mais gosto. E eu conheço todas as atividades daqui da Casa, porque a minha rotina é assim: sou a primeira a chegar para limpar, fazer varrição, verificar as salas. Eu já conhecia antes o espaço, porque antes aqui era o Circo das Artes, e eu já trabalhava nele. Aí, apareceu essa oportunidade dessa Casa, e me indicaram. Mas o trabalho é um pouco diferente. Acho que é por causa do trabalho de cultura, de cidadania que tem agora, e no Circo era mais voltado para o treino mesmo”...

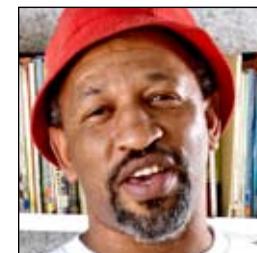
Valdineia Ferreira da Costa Alves

(19/7/1968 – Chapadinha Maranhão/MA),
funcionária da manutenção da Casa de Cultura e
Cidadania de São Paulo

... "A Casa de Cultura saiu do Circo das Artes. Ele entrou de férias e ficou tudo fechado. Na comunidade, umas pessoas e outras que sabiam o que estava acontecendo. Aí, quando abriram a inscrições, e chegamos lá, já não era mais Circo das Artes, era Casa de Cultura e Cidadania. E começaram as matrículas para as atividades. Eu fiz parte de um grupo que começou dentro da Casa de Cultura, que é a Plataforma de Centros Urbanos. Fiz parte desse projeto desde 2009 que, junto com a Casa, é um projeto idealizado pelo Unicef. Esse projeto abre portas para nós chegarmos dentro das sub-prefeituras e pensarmos projetos para as comunidades. Tem evento na rua, tem um projeto junto com a Prefeitura, que é o mutirão da saúde dentro da comunidade. Então um negócio muito legal, que une Secretaria de Educação, Estadual e Municipal. Conseguimos reuniões para tentar melhorias para dentro da comunidade"...

Nilza Eurico dos Santos

(8/3/1966 – Gongogi/BA), líder comunitária



... "A maioria da comunidade não tem mais contato constante com a música, mas tem ou já teve algum contato. Eu vejo isso. Alunos meus que as mães chegam e falam: 'Meu filho não falava muito em casa, não cantava; frequentava a igreja evangélica, mas não cantava, e agora está cantando.' De onde vem isso? Desse contato mais frequente com a música que eles têm na Casa atualmente, e isso surte efeito. E onde também tem surtido efeito? Na questão da disciplina, na questão da leitura na escola, porque a gente não força a questão da leitura, mas automaticamente eles têm que estar participando do grupo, então o grupo se autoajuda, cada um ajuda o outro que não tem muita leitura. Não exclui.

Isso me lembra eu mesmo, quando pequeno. Eu era meio excluído, porque os outros meninos falavam assim: 'Vamos para a rua, brincar, soltar pipa. Eu nunca fui de soltar pipa, eu não gostava. Jogos também não. Os moleques gostavam muito de jogar bola, mas eu tinha medo, era medroso. Eu ficava lendo. E tocando. Tocando latinha, bateria com lata de leite Ninho, violão de corda de elástico, só um toco de madeira com elástico. Tocava de tudo. Ficava fazendo música. Por isso que eu logo me familiarizei com os alunos, não tive dificuldades"...

José Afonso Menino

(25/7/1963 – Guaraciaba/MG), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo





... “As maiores dificuldades daqui da região eram com a violência. E os jovens que entraram no projeto da Casa de Cultura estão bem, têm a visão bacana, pensam: ‘Eu vou ir lá, vou me livrar dessas coisas de violência.’ Acho que é isso na concepção deles. Eu estou começando a me adaptar, mas passo quase que o dia todo lá dentro. Se eu não tenho nada pra fazer, eu venho aqui, faço alguma coisa, estou sempre articulando por aqui. E a minha concepção é essa: melhorar a Casa de Cultura para os jovens passarem o tempo aqui dentro e não lidarem com esse negócio de violência aí fora, ou com as drogas.”

Romário Azevedo

(15/7/1994 – Belém do Pará/ PA), participante da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



Em 2009, no bairro de Campo Salles, a unidade de Barra Bonita da Casa de Cultura e Cidadania abriu as portas oferecendo mais de mil vagas para crianças e jovens nas áreas de Artes Visuais, Artes Digitais, Música, Dança, Teatro, Projetos, Área Livre, Arte de Contar Histórias e Circo. Em 2010, surgiu o curso de Formação Inicial e Continuada em Cultura. Junto a isso, oferece também oficinas de geração de renda, cursos de capacitação técnica, encontros comunitários, palestras e apresentações culturais, como o Projeto Entredanças, que uniu o trabalho da Casa às academias locais. Em parceria com o Senac, a unidade também lançou o Green Map, que, por meio de entrevistas, inventariou dificuldades, necessidades e expectativas dos moradores, gerando um diagnóstico chamado Mapeamento Social e Resgate Histórico.



“Lembro o primeiro dia, na inauguração. Veio o pessoal de São Paulo arrumadinho e a nossa molecada, pezinho no chão, sandália rasgada e vendo o pessoal de São Paulo vindo. Eles vieram com o apoio da Casa, então vieram arrumadinhos e os nossos com pezinho no chão, chinelinho roído no calcanhar. Eu olhava assim e pensava que ia dar trabalho a gente conseguir chegar ao nível que eles estavam. Eles já eram uma turma, não tinha um ano ainda, mas já dava para ver o resultado. Eu pensava: ‘Nossa, até desencardir esse pezinho aí...’ Foi nítido, um dos nossos olhando e não entendeu nada, porque era novidade. Para mim também era novidade, então dava medo. Mas eu ficava de olho neles, o que eles estavam vendo e eu pensando: ‘Logo vocês vão estar nesse lugar também.’ Essa foi a minha primeira impressão da chegada da Casa”...

Baltazar Parra

(3/8/1963 – Barra Bonita/SP), voluntário da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita



... “Depois da chegada da Casa, há mais cuidado com muitas coisas do bairro. O bairro começou a se evidenciar. As melhorias vieram, mudanças aconteceram, até mesmo na carinha do bairro, com as casas novas. Acho que foram mudanças ótimas para o bairro. Acredito que o bairro precisa de muita coisa ainda, mas a Casa já veio pra colaborar para o desenvolvimento. Vejo que as pessoas ficaram mais unidas, puderam se conhecer melhor, entrar mais em contato com o pessoal da Barra, puderam obter mais conhecimento dos diversos tipos de cultura. Porque falar de cultura é uma coisa muito complexa.

A Casa de Cultura abriu as portas para o bairro e muitas coisas aconteceram, desde plantio de árvores, desde trazer a comunidade pra Casa, pra uma conversa, ouvir o pessoal, ver o que a comunidade queria e tentar colaborar com o bairro por meio de projetos. Eu acho que é um processo de transformação, não tem como falar: ‘Ah, mudou e é isso, não vai mais mudar.’ Não, está em processo. A Casa de Cultura plantou uma sementinha, essa sementinha germinou e acredito que a árvore ainda não está adulta. Ela é adolescente, ou criança, porque também faz pouco tempo que a Casa está aqui. Até ela virar adulta tem muita coisa pra acontecer”...

Debora Aparecida Bressan

(14/8/1976 – Barra Bonita/SP), coordenadora do Curso Técnico em Eventos da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita



... “O que aconteceu de transformação no bairro, para mim, foi a própria Casa de Cultura. Ainda tem muito o que transformar, mas geralmente as ruas eram muito escuras, por exemplo. E o que aconteceu na minha vida mesmo, o que a Casa significou para mim mesma, é que agora eu posso trabalhar perto da minha casa, estou perto do esposo, dos filhos. Eu trabalho também com um pouco mais de paciência, porque eu não tinha paciência com criança. Até com os meus filhos, dentro de casa, eu era muito nervosa. Quando você gosta de fazer o que faz, fica muito melhor. Lembro de um evento que tivemos um passeio com as crianças de barco. Fui conhecer o Rio Tietê, coisas que eu não conhecia. Eu nunca tinha tido a oportunidade de entrar num barco. As crianças tiveram também o momento de soltar os peixes no Tietê, o que foi uma coisa muito gostosa de estar com eles. No momento, o meu sonho é ter melhoria mais para o bairro, que é onde a gente mora, a gente trabalha e tem muito a desejar ainda. Que esteja asfaltado, a água tratada”...

Ivone Aparecida dos Santos Lázaro

(25/10/1960, Barra Bonita/SP), auxiliar de cozinha da Casa de Cultura e Cidadania de Barra Bonita

... "Tudo depende da maneira como a gente é tratada. Eu mesma tinha dificuldade de viver em Barra Bonita, e agradeço muito hoje existir a Casa de Cultura. Eu acho que sem ela ficava mais difícil, porque já é difícil viver aqui pra mim, me adaptar nessa cidade está sendo o maior desafio. Sempre que eu estou em casa eu penso que se não tivesse a Casa de Cultura, como eu ia ficar nessa cidade? Porque a vontade de voltar correndo era grande. Depois, começou a Casa e ela está aqui e ela vai ficar até enquanto ela quiser ficar, porque eu gosto demais daqui. Eu acho que é uma relação de amizade. Porque aqui a gente constrói muitos amigos. Ela é o maior motivo de eu sentir prazer e ainda estar morando em Barra Bonita. A Casa pra mim é a extensão da minha casa.

E é também o lugar onde eu já conquistei outras pessoas, outras amigas. E tem as oficinas também. Eu estou em duas oficinas, a de customização e de artesanato em roupa. Comecei devagarinho, aprendendo a bordar, que eu nem sabia. Eu nunca tinha mexido com couro. Hoje, já estou começando a receber alguma coisa, vou preparando as peças e pegando gosto. Preparando pra vender. O que quero fazer é vender, ter lucro. Tem coisas que eu sei realizar, mas tem que ter o dinheiro. O maior sonho da minha vida era ter um trabalho"...

Maria Naciete de Jesus Vasconcelos

(21/4/1961 – Salvador/BA), moradora do bairro



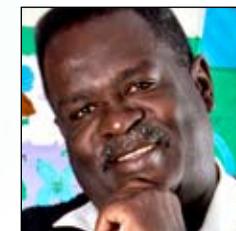
... "Esse trabalho de trazer cultura para o bairro foi numa época que eu havia assumido a pasta da Cultura do município. Uma das coisas que me avisaram é que não havia recurso para a cultura. Então começamos a identificar as pessoas do município que tivessem alguma característica para você selecionar os grupos de dança, os grupos de música, os grupos ligados ao teatro e ao artesanato. A ideia era criar um calendário para o município e trazer essas pessoas para mostrar a habilidade que cada uma tem. Na verdade, sempre há um monte de artista, porque eu acho que todo ser humano tem um pouco do lado artístico. E aí saíram os projetos, e dos projetos, a descoberta dos talentos, que hoje muitos estão encaminhados. Aqui na Casa mesmo nós temos alunos talentosos que começaram nesses projetos de base. É assim mesmo, às vezes as pessoas têm uma habilidade boa, mas elas não têm uma oportunidade, então você tem que descobrir."

Maria José Teixeira Capelazzo

(23/8/1959 – Igarapu do Tietê/SP),

secretária Municipal da Cultura de Igarapu do Tietê

Em uma das áreas mais carentes do município de Osasco, a Casa de Cultura e Cidadania abriu as suas portas em 2009, oferecendo mais de 500 vagas em cursos de Artes Visuais, Música, Projetos e Teatro. Junto a isso, o curso de Formação Inicial e Continuada em Cultura abriga mais de 50 pessoas. Oficinas de geração de renda, curso de formação técnica e eventos culturais também acolhem as pessoas da comunidade diariamente. Desse envolvimento, saíram peças como "A Peleja", com mais de 300 jovens, baseada no texto da escritora Ana Maria Machado. Assim como na unidade de São Paulo, uma parceria com a empresa Tivit ajudou a formar jovens para o trabalho de call center. Aos poucos, a Casa vai abrindo grandes oportunidades para pessoas que precisam lutar muito para conseguir o básico.



"Nós lutamos muito para trazer a Casa para cá. Tive que começar a fazer reuniões, ir a todos os setores, conversar com as pessoas; conversar com liderança. Eram 170 lideranças na época. Começamos a dar nomes pras ruas; fiz o primeiro mapa daqui, eu, o China. Eu falei: 'Tem que ter uma escola e a Casa de Cultura. Não, era creche o que queriam. Aí fizemos um plebiscotinho. Nós conseguimos que fizessem a Casa de Cultura. O pessoal ficou bravo e tal, disseram que aqui não ia dar certo, que ia ser pichado, que aqui só tinha bicho. Um pessoal sem cultura. E hoje eu fico contente, que não tem pichação e não tem guarda tomando conta. Tem o vigia que fica aqui, mas não tem guarda municipal..."



... A gente não é mais tratado como bicho, como lobo, como um animal irracional. Então o pessoal começou a dar atenção pra nós. Aí veio a mudança; tirou a favelona. Estão fazendo os predinhos. Nós temos um centro de tratamento de esgoto. Por isso, o meu sonho é que a Casa não nos abandone. Que continue. Eu sei que é dolorido, tem horas que eu olho pra Vera e vejo que ela está cansada. Mas não posso falar muito, porque tenho medo dela desanimar. Não desanima, continue. Porque, se não conseguir mudar a cabeça dos velhos, que já estão com a ideia formada, vocês estão mudando a cabeça desses novos. O que esses novos estão aprendendo, eles não vão esquecer nunca. Então precisamos de vocês aqui”...

Antônio Roberto Lelis da Silva (Robertão)

(8/7/1958 – Itapetininga/SP),
conselheiro da Casa de Cultura e Cidadania
de Osasco e morador do bairro



... “É dessas coisas diferentes que a gente precisa aqui. Tem uns meninos que eu conheço que, quando eu falei da aula de violão gratuita, eles se interessaram. Então, são coisas que tiram as pessoas da mesmice, de ficar na frente da televisão só vendo coisa ruim, tiram a pessoa do diz-que-me-diz, da coisa pequena. Então, abrem fronteiras muito boas pro pensamento, conhecimento, dá uma perspectiva. As pessoas que quiserem se valer do que a Casa de Cultura tem oferecido, ela abre perspectivas muito grandes. Acho que a Casa de Cultura é que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para a região até o momento, principalmente pro pessoal do Colinas.”

José Aureliano Barbosa

(29/1/1947 – Campo Grande/MS),
participante da Casa de Cultura e Cidadania
de Osasco e morador do bairro





SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

A unidade de São José do Rio Pardo abriu as portas em 2009, oferecendo cerca de 80 vagas em cursos de Artes Visuais, Artes Digitais, Música, Dança, Circo e Área Livre, e logo já oferecia também Ginástica Artística e Formação Inicial e Continuada em Cultura. Os cursos, palestras e apresentações na comunidade já contaram com a presença de mais de 13 mil pessoas. Unindo arte-educação com temas sociais, eventos como o espetáculo “Energia” integram alunos de diversos cursos oferecidos pela Casa. Da mesma forma, o 1º Festival de Ginástica Artística e Circo, que promoveu socialização de alunos das outras unidades da Casa e foi assistido por mais de 400 pessoas. Assim, a cidade que já serviu de inspiração para Euclides da Cunha, vai ampliando o seu espectro cultural com novos trabalhos de arte e cidadania.



“O meu trabalho atravessa a questão da cidadania. Eu trabalho no Proerd, que significa Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência. Ele surgiu na cidade de Los Angeles em 1983. Qual era a preocupação na época? As drogas envolvendo os jovens. E onde os traficantes iam trabalhar? Em porta de escola, com os adolescentes. Não era só trabalhar na repressão, e sim trabalhar na prevenção. O que é trabalhar na prevenção? Educar, orientar. Assim se iniciou o projeto, em 1993 o projeto veio para o Brasil. A Polícia Militar do Estado de São Paulo era pioneira até alguns anos atrás, ela fazia os mentores do Brasil inteiro, treinava aqui dentro do Estado de São Paulo para depois distribuir pro Brasil inteiro. Hoje o programa existe pra pré-escola, quinto ano e sétimo ano. E existe um trabalho com os pais. Faço parte desde 1999...”



... E esse trabalho tem integração com o que acontece lá na Casa de Cultura e Cidadania. O trabalho deles também é de prevenção. O que a gente percebeu dos últimos anos pra cá? Jovem que não fica ocioso na rua, ele começa a ter uma diretriz, começa a ter limite. Com limite, o que acontece? Ele começa a ser mais centrado dentro da escola, mais educado. É isso que vem mudando a cidade. Todo trabalho social que atenda à necessidade dos jovens para não deixá-los tão ansiosos é bem-vindo. E temos o retorno dentro da escola. Diminuímos o índice de ocorrências. Eu tenho vários meninos que estão aqui hoje, acho que 90% já foram meus alunos”...

Antônio Donizete Correa

(10/4/1963 – Santo André/SP), voluntário da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo e policial militar



... “Boa parte dos alunos e participantes que vinha à Casa tinha uma melhora significativa nas notas, no comportamento, no jeito de encarar o mundo, no jeito de se expressar com os professores, com os colegas. Isso era fundamental. Eu tinha como praxe, isso existe até hoje, fazer uma avaliação que a gente pedia que o pessoal da escola relatasse sobre os alunos, se mudaram o comportamento ou não, e era nítida essa mudança. Eu tinha esse olhar com os gestores, as escolas. Mas enquanto coordenador eu também tinha o olhar junto com as crianças. Como eu estava todo dia aqui dentro, andava nos intervalos e era nítido ver o comportamento da criança se transformando. Ela passava a enxergar o mundo com outros olhos, ela via nela uma possibilidade de transformação. Ela via nela uma protagonista de um espetáculo, de um evento, coisa que talvez ela nunca tivesse tido antes...



... Além disso, a Casa é de uma importância estratégica social e cultural para a cidade. Boa parte da cultura rio-pardense é baseada no movimento euclidiano. E, com isso, muita coisa fica amarrada. Nós não temos novas propostas culturais por conta da tradição euclidiana, de danças, circo, por exemplo. Em um primeiro momento, a Casa vem ampliar as possibilidades culturais do município. Eu acho isso muito importante. O segundo ponto, que eu acho mais importante que o primeiro, é a relevância social das atividades. A Casa vem trazer uma proposta de transformação social no município. Vem tentar colocar em um patamar de igualdade o pobre, o rico, a classe média, o branco, o negro, a menina, o menino. Vem dialogar sobre respeito, sobre humanização. Acreditamos que todos podem transformar a realidade a partir da cultura. Apesar da Casa estar localizada em um extremo da cidade, é reconhecida em todos os bairros, até porque a gente recebe alunos de todos os bairros”...

Rafael Castro Kocian

(13/9/1983 – São José do Rio Pardo/SP), ex-funcionário da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo e voluntário



... “Como eu moro aqui no bairro, eu conheço crianças que eu vi crescer e que não teriam o que fazer hoje, porque em outros bairros já existiam outros projetos, mas nada parecido com esse. Aqui é Primeiro Mundo. Eu falo brincando que aqui é a Terra do Nunca: você entra aqui e seu sonho se realiza. E a cidade foi muito privilegiada. Somos conhecidos em vários lugares hoje por conta disso. Ninguém nem sabia da nossa existência e já sabem da Casa de Cultura de São José do Rio Pardo, todo mundo sabe. As pessoas da região vêm para assistir aos espetáculos, por exemplo. Isso, para o bairro, fez uma diferença imensa. Eu conheço esses meninos. Eles estariam na rua, mas eles estão aqui na Casa.”

Tatiane Iotti Brusque Silvério

(24/9/1980 – Osasco/SP), conselheira tutelar, voluntária e mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



NOVOS SONHOS PARA OS BAIROS

Muita coisa vem mudando nas comunidades desde a chegada das Casas de Cultura e Cidadania. Junto com essas mudanças, muitos sonhos também foram transformados. Esses novos sonhos trazem esperanças que antes não existiam, possibilidades de realização que pisaram há pouco tempo na realidade. Cada pessoa carrega em si um tanto dessas transformações coletivas junto com as suas expectativas pessoais. A individualidade e a coletividade vão se misturando para formar fragmentos de bairros que vivem intensos processos de mudança.



“Eu acho que haverá mudanças, porque há agora um olhar diferente na comunidade para o projeto. Ele é muito aceito. Eu acredito que nenhum trabalho social consegue mudanças de uma hora para a outra. Vai levar um período, que é a médio e longo prazo. Quando uma criança ganha bolsa na escola ou entra no mercado de trabalho, a mudança não é que ele passou na entrevista, é que ele foi avaliado e soube se expressar, soube falar. Então, esses resultados virão”...

Paulo Sérgio Ondeí

(31/10/1963 – Santo André/SP), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



... “Acho que virão muitas coisas na minha vida ainda. Quem imaginaria? Quem eu era antes? Quem eu sou hoje? Quem era a minha filha antes? Quem ela é hoje? É um exemplo. Ela é uma das alunas mais frequentes da Casa, não falta nunca. Quero que ela arrume um emprego bom. E eu quero ser cabeleireira, fazer uma faculdade de estética, e também ensinar as minhas filhas.”

Maria Rosilene Benício dos Santos

(15/2/1983 – Xinguara/PA), mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de Lins



“Eu sempre percebo aqui em Caconde que os jovens não têm muita ocupação, parece que a juventude está meio perdida. Eu converso com os adolescentes e são poucos que têm um papo interessante. Eu espero que haja uma cultura mais avançada na cidade, seria muito interessante se os jovens lessem mais, se interessassem mais por cultura, por conhecimento, por convivência mesmo”...

Silvana Dias Fagotti Moreira

(16/9/1960 – Caconde/SP), diretora de escola



... “É na convivência, pela escola e pela cultura que se despertam nas crianças os ideais de vida. Eu vejo que Caconde está melhorando, que nossos jovens estão tendo ideais bons. Porque, quando a criança tem um ideal? Quando está nesse meio. Pega uma criança de rua e pergunta qual seu ideal. Nem diálogo tem, nem sonhos tem. Meu desejo é esse, ver as crianças bem encaminhadas.”

Maria Cecília Avesani Seixas

(2/11/1938 – Santa Cruz da Palmeiras/SP), mãe e avó de participantes da Casa de Cultura e Cidadania de Caconde



“A Casa de Cultura já faz parte da comunidade. Mesmo que você não more aqui, mas se eles te veem na rua, dizem: ‘Ó, o senhor lá da Casa de Cultura.’ Mesmo que esteja sem roupa, sem uniforme, eles já conhecem você. E tem a coisa da confiança, porque os filhos da comunidade estão aqui, e eles têm confiança em você. Por isso, eu continuaria formando mais pessoas, trabalhando nos trabalhos sociais, sendo músico, preparando pessoas, acho que continuaria esse meu sonho na questão da liberdade de expressão, da liberdade de ir e vir”...

José Afonso Menino

(25/7/1963 – Guaraciaba/MG), arte-educador da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



... “Para nós da comunidade essa liberdade de nos infiltrarmos mais na Casa é boa, porque a gente está se infiltrando aqui dentro para que ela evolua. A gente entra para tentar expandir, abrir pra comunidade, deixar a comunidade satisfeita com o que está acontecendo, e para que ela conheça a Casa cada vez mais. A gente está tentando fazer isso e acho que daqui a alguns anos a gente consegue e evolui ainda mais.”

Romário Azevedo

(15/7/1994 – Belém do Pará/ PA), participante da Casa de Cultura e Cidadania de São Paulo



“Meu sonho é que existam projetos e políticas públicas que venham cada vez mais incentivar a cultura em todos os âmbitos, quer na Casa, quer no município, ou na própria sociedade. Às vezes, quando você fala cultura, as pessoas têm a imagem apenas de festa, evento artístico, e isso tem que ser mudado, porque cultura faz parte de um trabalho que não acaba assim, de uma hora para outra”...

Maria José Teixeira Capelazzo

(23/8/1959 – Igarapu do Tietê/SP),
secretária Municipal da Cultura de Igarapu do Tietê



... “A Casa não pode acabar, é uma coisa que tem começo, tem meio e não pode ter fim. Eu vivo nesta luta pelo Rio Tietê, de uns tempos para cá eu me senti amparado pela Casa, porque, além de eles fazerem esse trabalho interno com as crianças e com os jovens, eles me fortalecem aqui fora, eles são parceiros de momentos, de todos os momentos, de eventos de mobilização, de envolvimento.”

Hélio Palmesan

(18/11/1955 – Barra Bonita/SP), comandante da Marinha Mercante



“Ah, meu sonho é que as pessoas sejam sensibilizadas, principalmente os adultos, a virem para cá e se enriquecerem na cultura. Porque a casa chama Casa de Cultura e tem coisas aqui que eu não imaginava, como curso de Fotografia, que estava sendo cogitado, o curso de Espanhol pra adultos... tem aula de violão também, que é muito interessante. Então, que a Casa melhore cada vez mais, tenha mais cursos para a gente se integrar ainda mais com ela”...

José Aureliano Barbosa

(29/1/1947 – Campo Grande/MS), participante da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco



...“O que eu espero é que a Casa de Cultura se integre ainda mais com as escolas. Precisamos disso, sabe? Porque aqui são educadores, não são professores, são educadores. Há crianças que são fracas na escola, elas não têm um reforço na escola, então eu acho que a Casa de Cultura pode ajudar a minimizar isso.”

Roseni Mendes Lopes Araujo

(1º/3/1970 – Pombo Socorro do Piauí/PI), auxiliar de limpeza da Casa de Cultura e Cidadania de Osasco



“Dentro de uma avaliação, eu prefiro dizer que a gente ainda está engatinhando. Um dos objetivos do projeto é trabalhar a questão da geração de renda com a comunidade para que ofereça oportunidade do que é realmente a geração de renda, que ela gere mais renda e, assim, que ela tenha melhor qualidade de vida. Ainda nós estamos engatinhando, descobrindo o caminho das pedras. Mas nós vamos chegar lá, eu acredito nisso”...

Renata de Cássia da Silva Pedrosa

(9/4/1978 – São José do Rio Pardo/SP), diretora da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



... “Eu acredito que estou feliz, bem realizada. Parece tão simplesinho, mas eu tinha esse sonho de dançar, eu sentia vontade de dançar, mas a timidez não deixava. Agora, com essa oportunidade, eu estou dançando. E, além disso, quero fazer o que incentivo meus filhos a fazer: quero estudar. Fiquei com vontade de voltar para a escola. Então tenho projetos para estudar e para arrumar um serviço.”

Daniela Pereira Baleno Misseno

(4/6/1979 – São José do Rio Pardo/SP), participante e mãe de participante da Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo



“O meu desejo é que essa Casa seja o contágio do bem, aquela rede de contágio. Eu sonho muito com isso. Porque lá tem competência, tem capacidade, tem resultado efetivo. Não é marketing de oportunidade, não é marketing social, é mudança da realidade social e é disso que esse país precisa. A iniciativa privada não pode fazer o papel do Estado, mas ela pode ajudar nesse processo. E replicar várias Casas de Cultura e Cidadania pelo planeta é meu sonho”...

Marcia Ferreira Carlos Magno

(19/1/1957 – Rio de Janeiro/RJ),
diretora de comunicação e sustentabilidade na AES Brasil



... “Meu sonho é que, daqui a alguns anos, essas unidades já tenham descoberto como se faz o bolo de chocolate, e elas estejam fazendo muitos bolos de chocolate. Aí, quando nem imaginamos, elas não precisem mais de nós, elas possam caminhar com as suas próprias pernas, e nós possamos direcionar os nossos olhos, o nosso trabalho, para construir outras Casas, que daqui a alguns anos também não vão precisar de nós. Eu sonho com essa conquista de poder político das Casas.”

Heloisa Melillo

(11/6/1962 – Andradina/SP),
presidente da H.Melillo – Grupo de Articulação Social



Créditos

Instituto Museu da Pessoa.Net

COMITÊ EXECUTIVO

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Memória Institucional
Márcia Ruiz

Disseminação do Conceito
Sônia London

H.Melillo – Grupo de Articulação Social

Heloisa Melillo
Gloria Teixeira
Renata Pedroso Pupo Nogueira
Carla Elizabeth Dworecki

AES BRASIL

Diretora de Comunicação e Sustentabilidade
Marcia Magno
Gerente de Sustentabilidade
Luciana Alvarez

AES ELETROPAULO

Especialista de Sustentabilidade
Sheila Ferreira

Projeto *A Casa e suas histórias*

Museu da Pessoa

Coordenação

Simone Alcântara

Sônia London

Formadores

Fernanda Peregrina

Paula Botafogo Caricchio Ferreira

Produção Executiva

Isaac Patreze

H.Melillo - Grupo de Articulação Social

Coordenação

Renata Pedroso Pupo Nogueira

Carla Elizabeth Dworecki

Casas de Cultura e Cidadania participantes

Barra Bonita

Caconde

São Paulo

Osasco

Lins

São José do Rio Pardo

Livro *A Casa e suas histórias*

Projeto Editorial

Thiago Majolo

Simone Alcântara

Sônia London

Edição de Texto

Thiago Majolo

Revisão de Texto

Sílvia Balderama

Projeto Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Renato Theobaldo

Produção Gráfica

Praxinoscópio Produções

Produção

Isaac Patreze

Fotos

Pedro Saad

Melhor Imagem

Impressão

Neoband

Dados e informações institucionais obtidos no Relatório Social 2010 - Casa de Cultura e Cidadania. Publicação H.Melillo - Grupo de Articulação Social.



Patrocínio



Realização



Museu da Pessoa
Brasil

Ministério da
Cultura

